Promessa

Um conto de

Sophia G. Paiva

Conto Promessa disponibilizado
gratuitamente pela autora para seus leitores

Em agradecimento aos melhores leitores que podíamos pedir, esse conto é para vocês.
Obrigada!
Boa leitura.

Meu dia não tinha começado com o pé direito, na verdade acho que meu dia nem deveria ter começado, tenho uma reunião às 10 horas e não consigo me concentrar em mais nada a não ser na reportagem estampada na primeira página do jornal que está em minhas mãos.
Seu sorriso, seu rosto, eu conseguia me lembrar até da roupa que ele estava usando, uma camiseta azul marinho com gola V, calça jeans desbotada e um tênis azul combinando com a camiseta, aquela imagem me tele transporta de volta a cinco anos atrás.

Quando chegamos à cobertura onde estava acontecendo a festa, senti como se a música fosse me deixar surda, ela estava tão alta que mal dava para ouvir o que as pessoas falavam.

Meu irmão segurava firmemente minha mão, ele era alto – muito alto – e me protegia enquanto passávamos pela multidão, era meio assustador o número de pessoas que estavam presentes. João Pedro – meu irmão – cumprimentava algumas pessoas, eram raras as que ele me apresentava, isso era natural, eu já estava acostumada, ele sempre foi bastante protetor comigo, afinal eu era a sua única irmã e seis anos mais nova que ele.

Era meu aniversário de dezoito anos, estávamos em uma festa para comemorar a despedida de um jogador de futebol, Gustavo era o nome dele, a nova descoberta do meu irmão, a promessa do futebol brasileiro. Meu irmão era olheiro de um

grande clube inglês, desde que fraturou o joelho e não pôde mais jogar, ele ficou sendo o responsável por grandes descobertas.

Implorei para que ele me levasse a aquela festa, João Pedro costumava dizer que esse não era o tipo de lugar para mim, nunca me levava para essas festas e naquele momento eu pude ver bem o porquê e confesso que concordei plenamente com ele.

A primeira característica que notei foram as roupas que as mulheres usavam, quer dizer, a falta de roupa delas, minha calça jeans com uma blusinha regata se destacava no meio de tantos shorts, se é que podia chamar aquilo de short, eram tão curtos que não deixavam praticamente nada para a imaginação, os tops mal cobriam os seios e os saltos, eu não sabia como elas conseguiam andar com aquilo, ainda mais dançar.

— Agora entendo porque você nunca me traz nessas festas — falei para meu irmão assim que chegamos em um canto mais tranquilo, ele riu e me abraçou.

— Eu te disse, maninha, mas hoje é seu aniversário e eu não podia negar isso pra você.

— Você é o melhor irmão do mundo, mas agora vá conversar com seus amigos, ficarei bem aqui — falei e me soltei do seu abraço.

— Tudo bem, qualquer coisa me mande mensagem — ele disse, beijou o topo da minha cabeça e saiu para o meio da multidão.

Sentei no sofá tentando não parecer entediada com tudo a minha volta, senti meu celular vibrando dentro da minha pequena bolsa, uma mensagem de Rafaela, ela era minha melhor amiga, nos conhecemos no primeiro dia da faculdade e não nos separamos mais, tentei trazê-la comigo, mas seus pais não permitiram.

Rafaela: E ai, Fer? Estou curiosa, tem muito gatinho ai na festa?

Fernanda: Que nada, aqui tem 20 mulheres para cada homem.

Rafaela: Queria estar ai, vários gatinhos jogadores...

Fernanda: Não sabia que você era Maria Chuteira, Rafa.

Rafaela: HAHAHA! Como você é engraçadinha. Vai curtir a festa, depois me conta T-U-D-O.

Fiquei observando as pessoas, muita gente dançando e conversando, João Pedro se afastou um pouco para conversar com alguns amigos que reconheci, eram seus antigos parceiros de time, eles mal se juntaram e várias mulheres já haviam chegado perto deles, vi que João as dispensou. Concentrei minha atenção no meu celular, comecei vasculhar as redes sociais, *selfies* da festa já estavam por toda a parte.

Tentei o possível e o impossível para passar despercebida, peguei uma bebida e voltei para o meu canto, mas infelizmente era tarde demais, um casal já estava ocupando praticamente todo o sofá, fiquei em pé.

Quando estava quase terminando meu *drink*, ouvi aplausos explodirem no ambiente, o DJ diminuiu o volume do som e meus olhos foram para a porta e lá estava ele.

Gustavo, aos vinte e um anos o mais novo jogador de futebol, muitas críticas giraram em torno da sua contratação, ele não estava jogando em nenhum time de tradição aqui no Brasil, mas assim como os dirigentes do clube inglês, eu vi seus vídeos, vi como ele tinha domínio de bola, como seus passes eram precisos e como ele se destaca em campo, sua presença era dominante, ele tinha espírito de líder.

Não consegui me mover, fiquei congelada no mesmo local enquanto vi Gustavo conversando com algumas pessoas, me perguntei o que estava fazendo ali, era óbvio que eu não me encaixava naquele ambiente, então meu consciente me lembrou, sim, eu queria muito vê-lo. Desde a primeira vez que João Pedro me mostrou um vídeo de Gustavo jogando não consegui esquecer aquela imagem, foi inexplicável o que senti.

Meu irmão sempre confiou muito nas minhas opiniões, passei minha infância jogando bola com ele e isso fez com que eu jogasse melhor que muitos homens. João Pedro sempre pedia minha sugestão quando estava de olho em alguém, só que algo em Gustavo me atraiu muito mais do que seu futebol em si, algo no seu olhar, seu corpo não era de um jogador de futebol, estava mais para jogador de futebol americano, essa foi a primeira observação que fiz sobre ele quando meu irmão começou a me mostrar os vídeos.

— Não julgue antes de ver tudo, maninha — ele me disse e foi então que eu sabia que nunca mais me recuperaria do que eu tinha visto.

Me sentia deslocada naquele lugar, minha vontade era de mandar uma mensagem para meu irmão e sair dali o mais rápido possível, não conseguia me sentir confortável naquele local. Quando estava prestes a me mover senti uma mão em minha cintura e a voz grossa próxima ao meu ouvido.

— Acho que você está perdida, mais do que eu, devo mencionar. — Eu já tinha escutado aquela voz antes, ele estava ali, ao meu lado e eu não tinha ideia se ele tinha me visto observando. Nós nunca tínhamos nos conhecido pessoalmente e de perto ele parecia intimidador.

— Estou aqui com meu irmão, apenas me distraindo um pouco. — Consegui falar enquanto ele me analisava.

Seu cabelo era loiro com um corte estilo militar, não havia quase nada ali, mas era sexy, incrivelmente sexy e seus olhos verdes eram tão claros que eram uma distração constante, e os cílios? Seus cílios eram tão longos que deveria ser pecado um homem possuir um enquanto a maioria das mulheres passava horas na frente do espelho para colocar aquela parafernália toda. Tive a certeza que em breve David Beckham iria perder o posto de mais sexy.

Gustavo não tinha nenhuma característica brasileira, sua pele era branca com algumas sardas e contrastava muito com a minha que era um pouco morena, na verdade eu ainda

estava tentando descobrir a nacionalidade dos seus traços quando ele novamente falou.

— Eu sou Gustavo. — Eu ri, claro que ele era o Gustavo, todo mundo ali sabia quem ele era, afinal a festa era para comemorar a sua despedida, no dia seguinte ele iria embora morar e na Inglaterra por pelo menos três anos.

— Eu sei, eu sou Fernanda. — Ele deu um sorriso torto.

— Irmã do João Pedro — ele disse simplesmente, fiquei surpresa com essa revelação.

— Você sabe quem eu sou? — Tentei disfarçar meu espanto, ou seria minha admiração?

— Sim, todos aqui sabem quem é a Fernanda irmã do JP, ele ameaçou qualquer um que chegasse perto de você. — Aquela revelação não me surpreendeu, meu irmão sabia ser idiota quando queria.

— E você pelo visto não recebeu o aviso? — Ele virou o corpo ficando de frente para mim, eu tentava com todas as minhas forças não olhá-lo nos olhos, eu tinha certeza que se olhasse, não iria ouvir mais nada do que ele dizia, em vez disso, meus olhos foram direto para sua boca, o que claramente não foi uma boa ideia.

— Eu não sou muito bom em seguir ordens — ele disse dando de ombros como se isso fosse a coisa mais normal do universo.

— E como você é um atleta? — Levantei uma sobrancelha o desafiando, agora ele tinha minha total atenção, para entrar em um clube como o que ele entrou além de jogar bem, o atleta tinha que ser disciplinado, era um clube muito

rigoroso e conhecido por possuir os melhores jogadores não só dentro de campo como fora dele também.

— Eu não conheço ninguém aqui além do seu irmão e de você, está afim de fugir um pouco?

Uau, isso foi rápido!

— Pelo menos no quesito mudança de assunto você tira nota máxima — disse ganhando o mais belo sorriso, droga eu estava perdida, ele segurou minha mão e saímos do apartamento pela porta de serviço.

Mandei uma mensagem para meu irmão avisando que estava indo embora e que iria pegar um táxi, ele estava tão ocupado rodeado por Maria Chuteiras que nem percebeu minha saída. Gustavo apertou minha mão e caminhamos em direção à praia, nossas mãos unidas como um casal, esse pensamento causou arrepios na minha pele. Ele parecia tão despreocupado, era como se nos conhecêssemos há anos e não há apenas alguns minutos.

Tirei minha sapatilha nos sentamos na areia e ficamos olhando em direção ao mar e apenas escutando o barulho das ondas, aquilo era terapêutico.

— Então, está nervoso com a mudança? — perguntei depois de um tempo.

— Eu gosto de mudança, não tenho medo. — Olhei para seu rosto para tentar decifrar se o que ele dizia era verdade, eu era boa em ler as pessoas, mas Gustavo para mim era um mistério, um lindo e delicioso mistério, diga-se de passagem.

— Eu morro de medo de mudança, do desconhecido — falei divagando enquanto ele prestava atenção. — Quando

meu irmão teve que parar de jogar, tivemos que sair do apartamento onde morávamos, chorei por dias, isso porque só estaríamos mudando de bairro, se fosse outro país eu acho que tinha surtado.

— Desde criança eu me mudo o tempo todo, meu pai é militar então sempre é transferido, costumávamos passar no máximo dois anos em um lugar, acho que aprendi a não me apegar as pessoas — ele disse simplesmente enquanto ouvíamos o barulho do mar.

— E a internet? Celular? Hoje em dia distância não é mais um problema. — Ele sorriu torto para mim e eu estava começando a ter sérios problemas com isso.

— Não gosto desse tipo de contato, acho que temos que estar perto, olhando olhos nos olhos. — Ele me olhou com tanto carinho.

Meu Deus eu estava tão perdida naqueles olhos, foi como se ele adivinhasse meus pensamentos seu rosto ficou tão próximo quanto permitido sem que nos tocássemos.

— Gust... — tentei falar, mas ele me cortou.

— Você é diferente. — Seus dedos roçaram meu rosto, eu fechei meus olhos, queria apenas absorver o momento, seu toque era tão gentil, era como um toque de um anjo. — Posso beijar você? — ele perguntou e eu abri meus olhos.

— Você é do tipo que pede permissão? — sorri.

— Só com você — ele disse e assim tive o melhor beijo de toda minha vida, sua mão agarrou minha nuca puxando meu corpo, a outra na base da minha coluna.

Nos beijamos pelo o que pareceu uma eternidade e eu não me importava com mais nada, a praia estava silenciosa, deserta, havia somente eu e ele, nunca estive tão segura.

— Desculpe por isso, Fernanda — Gustavo falou ofegante quando interrompeu nosso beijo, sua testa colada na minha, eu o desejava tanto, desde a primeira vez que o vi e agora ele tinha me beijado, eu queria mais, muito mais.

Sorri com o seu pedido de desculpas, ele não precisava se perdoar por fazer isso comigo.

— Vamos sair daqui, você está com fome? — disse antes mesmo de sequer pensar. Ele sorriu, esse cara não pode ser real.

— Você está com fome? — ele perguntou ignorando a mesma pergunta que eu tinha feito. Apenas concordei com a cabeça, eu não tinha comido nada naquela festa, na verdade a única coisa que vi foram bebidas e bundas, meu estômago ansiava por algo sólido e quente. — Há uma lanchonete que conheço muito boa e ficam abertos até tarde, acho que vai gostar, isso é se você não se importar com hambúrgueres e fritas.

— Eu realmente não me importo, na verdade a essa hora comeria qualquer coisa que estivesse na minha frente.

Ele sorriu e nós caminhamos ainda mais um quarteirão até chegar à lanchonete, havia apenas dois casais e um trio de amigos sentados conversando animadamente em uma mesa, então algo que eu nunca pensei em presenciar em minha vida aconteceu, ele puxou a cadeira para que eu me sentasse, não consegui ter reação, congelei no lugar, eu só

tinha visto aquilo em filmes ou livros, garotas como eu não saiam com caras que puxavam a cadeira ou faziam qualquer tipo de coisas como essas, na verdade eu não acreditava que ainda existiam caras que faziam isso, era surreal.

— Você apenas tem que sentar, Nanda, a cadeira não vai morder você — Gustavo falou divertido como se tivesse notado meu espanto, na verdade acho que ele notou pois fiquei parada olhando para cadeira como se ela tivesse vindo de outro planeta.

— Desculpe, não estou acostumada com esse tratamento — disse ao sentar, ele tomou seu lugar a minha frente e me encarou.

— Nunca nenhum homem fez alguma gentileza pra você? — Essa perguntou me pegando desprevenida, tentei buscar algo em minha mente, mas nada me vem.

— João Pedro cozinha às vezes, isso conta? — perguntei meio sem jeito enquanto tentava esconder meu rosto com o cardápio, que rapidamente foi abaixado por ele.

— Não, isso não conta, seu irmão te ama e te protege então, não conta, quero saber dos namorados. — Torci meus lábios processando suas palavras, namorados? No plural?

— Namorados? Tipo todos os que eu já tive? — Seu olhar era sério, determinado, droga, me senti em um interrogatório.

— Sim, namorados, ou você nunca namorou? — Gustavo se encostou na cadeira cruzando seus braços, a pior coisa que ele deveria ter feito, minha atenção foi toda para seus músculos. — Ainda estou aguardando sua resposta — ele

falou sorrindo, obviamente achando engraçado o fato que meus olhos não saiam dos seus braços.

Naquele momento eu criei uma nova obsessão por braços, principalmente se pertencessem ao Gustavo.

— Vamos apenas dizer que eu ainda não tive experiências suficientes para comprovar se de fato você é o único que vive no século dezoito. — Ele sorriu satisfeito com a minha resposta, mas não se contem.

— Mas você... — Ele estava tentando buscar as palavras, mas eu tinha uma boa ideia do que ele estava tentando me perguntar. — Você não é... — Não deixei que ele terminasse de falar, me inclinei em sua direção tentando falar o mais baixo possível.

— Você não quer discutir minha vida sexual na mesa de uma lanchonete, não é?

— E qual o problema? — Ele só podia estar de brincadeira.

— Há problema se o assunto me envolve — falei e então finalmente e milagrosamente alguém veio nos atender.

Pedimos dois sucos enquanto aguardamos nossos sanduíches, eu ainda estava tentando absorver as últimas horas, vi o quanto ele parecia distraído, despreocupado.

— Então, como seus pais reagiram quando você foi contratado? — perguntei na esperança de quebrar o silêncio, ele apenas deu de ombros sem falar nada, isso não me contém. — Você quer dizer que eles estão de boa com a mudança? — Ele colocou seu copo, já vazio em cima da mesa e me observou.

— Meu pai queria que seu único filho seguisse a carreira militar, assim como ele, para minha família jogar futebol é apenas se meter em encrencas, mulheres oportunistas, drogas, esse tipo de coisa, eles acreditam que o dinheiro muda as pessoas, para pior.

— Meu irmão ganhou muito dinheiro quando jogava, e ainda continua ganhando, isso não mudou seu caráter, muito menos quem ele é, e eu continuo estudando e tentando ganhar meu dinheiro por conta própria, sem ter que depender dele.

João Pedro era meu ídolo, ele nunca se meteu em nenhuma confusão quando jogava, nem com mulheres, muito menos com drogas, ele era motivo de orgulho para mim e era para o seu treinador.

— Seu irmão é um caso raro, acredite, além de não ter mudado ele ainda consegue conviver muito bem com todos do meio, poucos conseguem isso — ele disse pedindo em seguida mais um suco.

— E você? Acha que o dinheiro irá mudar quem você é? — Não consegui evitar essa pergunta, eu nunca acreditei que o caráter de alguém pudesse mudar por causa do dinheiro, caráter é algo que ou tem ou não, não existia meio termo.

— Eu não faço ideia, Nanda, o que eu sei é que vou tentar economizar ao máximo, não vou querer jogar para o resto da vida, muito menos quero terminar a minha vida sem nada e sem ter feito nada de importante. — Sorri com sua afirmação, eu conhecia esse tipo de sentimento.

— Eu tenho o desejo de ajudar crianças, sabe? Eu e meu irmão passamos uma infância difícil e senão fosse pelo esporte, possivelmente ainda estaríamos tendo uma vida complicada e eu não estaria estudando.

— Você faz faculdade? — ele perguntou interessado.

— Sim, comecei a cursar educação física ano passado, mais três anos e estou formada.

— E o que você quer fazer? Quer ser professora?

— Talvez, mas meu maior desejo é trabalhar com crianças carentes, inseri-las no mundo do esporte, é algo que me salvou e quero fazer isso por outras pessoas.

— Isso é incrível, Nanda, isso é algo importante. Quero fazer algo de bom também, só não descobri o que ainda.

— Você irá descobrir, só nunca deixe de ser quem você é, isso em si já será bom, o resto são seus sonhos e desejos que você poderá realizar ao longo do tempo. — Assim que minha boca fechou seus olhos brilharam, havia um brilho diferente agora, algo como admiração e desejo.

— Acho que quero beijar você de novo — ele disse e quase não tive tempo para a próxima respiração, Gustavo sentou ao meu lado e me beijou, ele estava sendo tão gentil que por um momento pensei se ele era assim com todas.

Fomos interrompidos pelo garçom com nossos sanduíches. Gustavo não saiu do meu lado novamente, colocou minhas pernas por cima da sua e assim continuamos uma conversa divertida, ele me contou como adorava jogar futebol, porém nunca imaginou que estaria jogando

profissionalmente, muito menos em um clube do exterior, confessei que pelo seu histórico até eu duvidava disso.

— Seu irmão certamente faz milagres com esses jogadores — ele disse entre uma mordida e outra.

— Sim, ele ama o que faz, e quando acredita em alguém ele nunca desiste — falei sorrindo lembrando da determinação dele.

— Como foi quando ele parou? — Seu sanduíche já havia terminado, ele aguardou que eu terminasse de comer para poder responder a sua pergunta.

— Difícil para dizer o mínimo, ele acreditava que poderia voltar a jogar, assim como tantos outros jogadores voltam depois de algumas lesões, porém não foi isso que aconteceu, o que ele sofreu foi raro, então para ele a carreira de jogador tinha acabado naquele dia.

— Ele está sempre sorrindo, motivando a todos, não consigo imaginá-lo de outra forma.

— Sim, foi muito complicado, só eu sei o que ele passou, meu irmão tem um jeito particular de enfrentar os próprios demônios, ele sempre diz que já sofreu tudo que tinha para sofrer na época do acidente e que agora precisa pensar positivo, eu o apoio e não faço mais perguntas, mas acho que conseguimos superar e ele agora descobriu uma nova profissão para amar, estou tão orgulhosa dele.

Percebi que falei demais quando olhei para Gustavo e ele está me olhando com carinho, ele sorriu e me deu um leve beijo nos lábios antes de pedir a conta.

Saímos da lanchonete de mãos dadas. Gustavo não fez mais perguntas sobre João Pedro, por mais que eu amasse meu irmão, essa história era dele e não cabia a mim falar sobre isso. Vi como meu irmão sofreu quando foi dito que ele não poderia voltar a jogar, tivemos nos mudar para ficarmos mais próximo ao hospital, as sessões de fisioterapias diárias eram desgastantes, no primeiro mês ele quase desistiu, porém algo que ele nunca me disse o que era deu-lhe um novo ânimo e ele seguiu em frente, ele perdeu o que mais amava fazer, com isso perdeu alguns amigos e a namorada na época, agora ele era jovem e muito bem pago para descobrir talentos para alguns times, sempre convidado para inúmeras festas e sempre era alvo de alguns fotógrafos, isso fez com que sua ex tentasse se reaproximar, mas ele não levou muito bem, graças a Deus, eu não gostava dela, para dizer o mínimo, ela abandonou a pessoa que dizia amar no momento em que ele mais precisava de apoio. Não gosto nem de me lembrar dela, até o nome dela me deixava mal do estômago, Camila.

— Então, para onde vamos agora? Quer voltar pra festa? — perguntei torcendo para ele dizer não, eu não estava nenhum pouco afim de entrar naquele apartamento novamente.

— Não quero voltar lá, algumas Marias Chuteiras são realmente difíceis de lidar e eu prefiro ter meu tempo com você.

— Tudo bem — falei.

— Tudo bem? — ele perguntou como se não acreditasse no que eu estava falando.

— Sim.

— Você é a mulher mais encantadora que já conheci. — Sorrio com o que ele diz.

Meu celular começou a tocar na bolsa, e eu já podia imaginar quem era, João Pedro, pedi licença para Gustavo e atendi.

— Oi mano, tudo bem?

— Não te vi saindo da festa, está tudo bem com você?

— Claro, mas tive que sair, você tinha razão, aquilo não era pra mim. — Meu irmão riu.

— Sim, eu te avisei várias vezes, mas me diga, onde você está? — Fiquei tensa com a pergunta.

— Vim para a casa da Rafa — menti. — Vou passar a noite aqui, tudo bem pra você?

— Sim, claro, nos vemos amanhã, maninha.

— Até amanhã, te amo.

Desliguei o celular e voltei a olhar para Gustavo que estava prestando atenção na minha conversa.

— Então quer dizer que meu nome mudou? Me chamo Rafa agora?

— Não seja bobo, se eu falasse que estava com você provavelmente ele já estaria aqui — falei passando os braços pela sua cintura. — Então, vamos?

Ele concordou e pegamos um taxi, Gustavo passou o endereço do apartamento onde ele estava hospedado, não é muito longe dali, na verdade era na orla da praia, só que era

um pouco distante para irmos andando, ainda mais tarde da noite. Ficamos em silêncio dentro do carro e eu fiquei pensando, ele iria embora em vinte quatro horas, eu queria apenas um único momento em que eu pudesse me sentir realmente desejada.

Vi a luz do celular de Gustavo e ele mandando uma mensagem.

— Você não disse que não gostava de mensagens? — perguntei lembrando da sua afirmação mais cedo.

— Isso é uma emergência — ele disse sorrindo e me deu um beijo nos lábios.

— Aonde vamos? — perguntei descansando a cabeça em seu ombro.

— Não estou mais na minha casa, estou hospedado no apartamento de um amigo. — Ele não me olhou enquanto fala, sua concentração estava no celular.

Eu poderia estar um pouco assustada, eu estava em um taxi com um praticamente desconhecido na madrugada, ainda havia algumas pessoas conversando no calçadão da praia, até mesmo praticando esportes na praia, mas tive a incrível sensação de que se estivesse tudo deserto e escuro eu ainda assim estaria segura, e eu só me sentia assim com João Pedro, era muito confuso me sentir assim com outra pessoa, confuso e ao mesmo tempo excitante.

— Bem vinda — Gustavo falou quando abriu a porta do apartamento.

Estávamos em um prédio de classe média, no décimo andar, não fazia ideia de quem morava ali, porém era um

lugar encantador, assim que ele abriu a porta vi que estava tudo muito bem organizado, um sofá grande e aparentemente confortável cor de marfim na sala, em frente uma TV enorme com um console de vídeo game, o balcão de granito que dividia a sala da cozinha estilo americano, a cozinha era muito bem equipada, o que me fez pensar sobre o morador desse lugar.

— Quem mora aqui? — perguntei enquanto deixava minha bolsa em cima do banco próximo ao balcão, Gustavo estava abrindo a geladeira e me entregou uma cerveja.

— Um amigo — disse simplesmente apoiando no balcão e tomando um gole da sua cerveja, ergui a minha em um gesto de brinde e ele sorriu.

Eu não era muito fã de cerveja, mas acabei bebendo tudo.

— O que quer fazer? — ele me perguntou. Sua garrafa também já está vazia e ele começou a tirar a blusa.

Bem, depois dessa pergunta e dessa visão minha mente não conseguiu elaborar nenhuma resposta, pelo menos nenhuma resposta que não termine em sexo.

— Você me olha como se quisesse me devorar. — Ele estava muito certo.

— Acho que você deve ter um pouco de razão, não se tira a camisa em frente a uma mulher sem ter a intenção de provocar pensamentos impróprios.

Ele deu um meio sorriso e foi se aproximando como um predador, passos lentos, sem pressa, seus olhos estavam em chamas, assim como meu corpo.

— Pensamentos impróprios? — Gustavo perguntou encostando seus lábios no meu ouvido.

— Muito impróprios — consegui falar enquanto ele trilhava um longo caminho pelo meu pescoço, sua língua roçando levemente, apenas com a intenção de me causar arrepios.

— O quão impróprios? — ele disse, suas mãos apertando minha cintura, minha vontade era de me jogar em cima dele e foi justamente isso que eu fiz.

O beijei como nunca tinha beijado ninguém antes, me sentia desejada, eu podia sentir seu desejo por mim.

— Nanda, espere. Você quer mesmo isso? Vou embora não quero magoar você.

Calei sua boca com um beijo que foi correspondido na mesma intensidade, tentei apagar qualquer vestígio de dúvida, eu precisava disso, nem que fosse apenas por um momento.

— Eu quero isso, Gustavo. Por favor.

— Você não é... — Ele nem precisou terminar a pergunta para que eu entendesse o que ele queria, eu podia não ser mais virgem, mas só tinha feito sexo uma vez, e tinha sido uma verdadeira droga.

— Não, não sou. Você está preocupado comigo? — perguntei incrédula, eu podia ser jovem, porém sei que os homens gostam de uma boa diversão, Gustavo me olhava diferente, como se houvesse algum tipo de conflito interno e nós nos conhecemos a apenas algumas horas.

— Você é irmã do JP, tenho muito respeito por ele, e... — Me soltei imediatamente de seus braços e coloquei a bancada entre nós. Ele estava preocupado com meu irmão, não comigo, que idiota eu fui.

— Desculpa, Gustavo, isso realmente não deveria ter acontecido, principalmente se você está tão preocupado com meu irmão — falei sem disfarçar o tom irônico na minha voz. Fui em direção a minha bolsa para pegá-la e dar o fora dali, mas ele foi mais rápido, a pegou e jogou em cima do sofá, bem longe de mim.

— Acho que me você me entendeu mal. — Ele se aproximou e puxou meu queixo para que eu estivesse olhando diretamente em seus olhos. — Me preocupo com você, não é porque acabamos de nos conhecer que vou te levar para cama como se você fosse qualquer uma.

— Só uma noite, isso não significa que vou ser apenas mais uma? — falei sem deixar seus olhos, eles estavam tão brilhantes, me hipnotizando.

— Seus beijos não são apenas mais um, seus gemidos, seus toques, eu mal posso esperar para sentir como é ter você nua. — Suas palavras me deixaram em um estado de transe completo, pressionei minhas coxas tentando aliviar a dor que começou a se instalar. Meu Deus ele era muito bom com as palavras disso eu não tinha dúvida, agora era hora de provar na prática.

Suas mãos já estavam levantando a minha blusa, seus olhos me analisando, desde o cós da minha calça, subindo pelo meu abdômen, até parar em meus seios, ele passou a

língua em seus lábios e me olhava com tanto desejo quanto poderia ter, nunca fui olhada dessa forma, como se eu fosse um objeto raro, intocável.

Sem aguardar minha resposta, Gustavo foi desabotoando meu jeans, e baixando devagar, o único som que se ouvia no local era das nossas respirações, totalmente em sincronia, seus dedos tocando cada centímetro da minha coxa, joelho e tornozelos, tomando cuidado ao tirar meus sapatos e assim tirando a calça do nosso caminho, ele estava ali, ajoelhado diante de mim, olhei para baixo e nossos olhares se encontraram, ele começou a beijar meus pés, e foi subindo, aquele momento era como se a temperatura do planeta tivesse aumentado, era como se eu estivesse entrando em uma *supernova*, eu ia me queimar, mas não me importava.

Seus beijos foram ficando cada vez mais intensos, mais demorados conforme subia, ele beijou entre as minhas coxas e me fez ofegar, beijou cada parte do meu abdômen, seus dedos ágeis foram para o meu sutiã, ele o tirou com a precisão de um profissional, não vi nem onde caíram, sua boca estava na minha tão rapidamente.

Ele estava faminto, eu queria alimentá-lo, essa noite eu iria ser sua.

Acordei desorientava, então olhei para o lado e vi Gustavo, que dormia profundamente, seu voo só seria no final do dia, o quarto estava começando a iluminar, depois de transarmos na sala, viemos para o quarto, só paramos quando nossos corpos se entregaram a exaustão. Tentei me levantar sem fazer nenhum barulho, caminhei até a janela

para fechar as cortinas, queria tanto aproveitar esse dia ao lado dele, mas não tive coragem de acordá-lo e também não sabia se isso era o que ele queria também, fiquei olhando para ele, que parecia em paz, só então notei a mala ao lado da cama, não era exatamente grande, para alguém que estava indo morar bastante tempo fora na verdade, isso era praticamente nada, enrolei meu corpo no lençol e fui olhar a vista da varanda, o sol surgindo no horizonte me trouxe uma sensação de paz que nunca senti antes.

Não precisei ouvir seus passos ou o som da sua voz, sua presença era tão forte que o senti antes mesmo que ele me tocasse. Ele estava ao meu lado olhando esse belo espetáculo da natureza, não falamos nada, ele apenas me abraçou por trás e juntos olhamos o nascer do sol.

— Gostaria de tomar café? — Sua voz ainda pesada de sono, senti um leve roçar do seu rosto no meu pescoço. — Seu cheiro é tão bom. — Não consegui falar, me senti tão impotente diante de tanto carinho, então ele me virou e sua boca logo estava na minha, agarrei seu pescoço e me entreguei ao momento, ele colou seu corpo ao meu evitando que o lençol caísse, assim nos conduziu de volta para cama.

Uma hora mais tarde eu estava deitada em seu peito, traçando as linhas do seu abdômen com os dedos, ele era muito mais que um monte de músculos e lindos olhos verdes, cada toque seu era singular, cada beijo era de uma intensidade que nunca senti antes, ele começava sempre suave como se estivesse pedindo permissão a cada passo. Era tudo tão pleno e intenso, um mar de sensações.

— Agora você deve estar com fome. — Ouvi sua voz ao mesmo tempo em que seus dedos tocaram meus cabelos, os mesmos dedos que certamente deixaram algumas marcas na minha bunda.

— O que você gostaria de comer? Posso preparar pra você.

— Pensei que talvez a gente pudesse aproveitar o dia fora desse apartamento, o que acha?

Ele estava falando sério?

— Você quer realmente ficar comigo no seu último dia no país?

— Claro, por que eu não iria querer? — Fiquei sem palavras com sua resposta, nunca imaginei que isso seria possível. — Então, o que você acha?

Sorri e me sentei na cama olhando para ele que mais parece um Deus apenas com um lençol cobrindo metade do seu corpo.

— Acho ótimo, mas...

— Sem mas, vamos tomar café e depois podemos fazer o que você quiser.

Um sorriso se abriu em seu rosto e eu senti que ele era somente reflexo do que eu estava estampando em meu rosto.

Gustavo me mostrou onde era o banheiro. Tomei meu banho, vesti minha roupa novamente. Enquanto esperava por Gustavo ficar pronto, fui atrás do meu celular e descobri que Rafaela me bombardeou com mensagens. Liguei para ela.

— Meu Deus, Fer, você viu que horas são? — ela perguntou com a voz arrastada de sono, só então olhei para o relógio, eram oito e meia.

— Me desculpa, Rafa, vi suas mensagens e resolvi ligar.

— Mas precisava ser tão cedo? — Ela gemeu em protesto.

— Preciso de um favor seu, se meu irmão te ligar fala pra ele que passei a noite ai com você e que vamos passar o dia na praia hoje.

— Por que eu falaria isso pra ele? Espere ai, onde você está?

— Depois eu te conto tudo.

— Meu Deus, você só tem a cara de santa, você pegou algum jogador gostoso na festa?

— Pode-se dizer que sim — falei com um sorriso.

— Quero todos os detalhes.

Escutei Gustavo vindo pelo corredor e logo me despedi da minha amiga, assim que desliguei o celular a bateria acabou, ótimo. Pelo menos Rafa sabia o que dizer para JP se ele ligasse.

— Pronta para ir? — Gustavo perguntou, ele estava usando uma roupa normal, calça jeans, uma camisa branca, um boné e óculos escuros.

— Claro, é preciso isso tudo mesmo? — Apontei para o boné e o óculos, ele disse que sim e colocou um boné na minha cabeça.

— Vamos passar despercebidos assim, quero aproveitar meu dia com você, não quero ter que fugir de paparazzi, então sim.

— Tudo bem, vamos. — Levantei do sofá, lhe dei um beijo rápido no rosto.

Quando saímos, a rua já estava movimentada, várias pessoas com barracas e cadeiras de praia passavam por nós. Decidimos onde iríamos tomar café da manhã, na Confeitaria Colombo, fomos de metrô, era estranho ver Gustavo, um futuro jogador de um time famoso andar de metrô na cidade do Rio de Janeiro.

Não nos sentamos, não iríamos demorar para sair novamente, Gustavo me deixou entre seus braços, me protegendo e segurando.

— Estou impressionada — disse para ele.

— Por quê?

— Nunca imaginei você andando de metrô, é uma cena difícil de imaginar — falei sorrindo e ganhei um beijo no rosto.

Tomamos nosso café da manhã confortavelmente sentados em uma mesa na Confeitaria Colombo, eu adorava aquele lugar, eu e JP tínhamos o trato de que pelo menos duas vezes por mês tomaríamos café da manhã ali.

Eu e Gustavo não paramos de falar nem por um segundo, era como se não conhecêssemos por anos, me sentia bem em conversar com ele.

— Então, agora que não estamos mais com fome, o que você quer fazer hoje?

— Não sei, qualquer coisa, só quero aproveitar meu dia com você, Nanda. — Não entendia como ele conseguia me deixar naquele estado, me sentia como uma criança que

tinha acabado de ganhar exatamente o presente que pediu pro Papai Noel.

Fomos direto para o Jardim Botânico, era outro lugar que eu ia regularmente, eu adorava a atmosfera daquele lugar.

— Nunca vim aqui, acredita? — Gustavo falou e eu fiquei impressionada, era quase impossível um carioca não conhecer o Jardim Botânico.

— Ah, fala sério, você é mesmo carioca? Não vai me dizer que nunca foi ao Cristo Redentor também — falei de brincadeira, ele sorriu e deu de ombros. — Não acredito nisso! Você está indo embora e...

— Por favor, não me lembre que estou indo embora amanhã — ele falou tristemente e meu coração se apertou.

— Mas você estava tão confiante ontem, o que aconteceu?

— Você.

Sua resposta me deixou tão sem reação que parei de andar, sua mão estava presa a minha então ele parou ao ver que não estava mais andando ao seu lado.

— Gustavo, você não pode dizer coisas assim pra mim — falei sem tirar os olhos dos seus, tentando absorver o que tinha acabado de falar.

— Me desculpe, Nanda. Me perdoe, eu realmente não tenho esse direito.

Ele beijou minha testa e me abraçou tão forte que por um momento achei que iria quebrar minhas costelas. Consegui controlar meu coração e mantive a mesma postura.

— Está tudo bem, vamos achar um lugar para sentar.

O clima ficou estranho depois disso, nossa conversa cessou, não consegui pensar em nada para puxar assunto com ele, ficamos andando, sem estar de mãos dadas, percebi que ele olhava de rabo de olho para mim e fazia o mesmo com ele quando via que ele não estava me olhando.

— Você quer que eu te leve para casa? — ele perguntou finalmente e eu me assustei.

— Não, eu só quero aproveitar meu dia com você. — Ele sorriu e me puxou para mais um abraço.

Achamos um local para sentar e logo o clima voltou ao normal.

— Você sabe praticamente tudo sobre mim, acho que agora é a minha vez, me fale mais sobre você, sua família. — Gustavo tinha um olhar curioso, me sentia como um brinquedo novo e ele uma criança ansiando para descobrir como funcionava.

— Ah, não há o que dizer, meus pais, eles apenas nos colocaram no mundo, João Pedro que me criou. Quando ele completou dezoito anos saiu de casa e me levou junto, desde então somos nós dois. Não que eles tenham sumido, meus pais aparecem uma vez por mês para pedir dinheiro — falei a última frase em um tom irônico, esse era um assunto delicado para mim, mas os anos me ensinaram a superar.

— Mas eles nunca foram abusivos com você, não é? — ele perguntou nervoso.

— Não! — falei rapidamente. — Não dessa forma que você está pensando, eles me tratavam como uma pequena empregada deles.

— Isso é horrível. — Por Deus, tudo que eu não queria era pena, ainda mais dele.

— Sim, mas agora passou, sou muito feliz com meu irmão, ele cuida de mim e eu cuido dele — falei com um sorriso nos lábios tentando amenizar o clima.

— Fico feliz por você ter um irmão amoroso, eu sempre quis ter um irmão ou irmã, mas meus pais nunca quiseram, acho que estão se arrependendo dessa escolha agora — ele falou rindo.

— Eles deveriam ficar orgulhosos de você.

— Sim, eles estão, mas se eu seguisse carreira militar eles ficariam mais felizes.

— Eles vão com você para a Inglaterra? — perguntei, mas logo me arrependi. — Me desculpe, eu não queria tocar nesse assunto.

— Está tudo bem, Nanda, eles vão ficar os primeiros meses comigo lá, mas depois que eu me estabelecer vão voltar para o Brasil.

— Por que você me chama de Nanda? — Ele me olhou estranho.

— Gosto de como soa, você não gosta? Prefere que te chame de Fernanda?

— Não, gosto de Nanda, você é o único que me chama assim.

— Sério? E como seus amigos te chamam?

— Fer ou Fernanda mesmo. Meu irmão me chama só de maninha, eu sei que é ridículo, mas é assim desde criança. Você não tem nenhum apelido?

— Lá em casa sempre fui Gustavo, meus amigos me chamam de Guga.

— Você nunca teve uma namorada que te deu um apelido ridículo? — perguntei rindo.

— Não, nunca tive uma namorada. E você?

— Não curto mulheres — falei rindo.

— Você me entendeu, nunca teve um namorado? Aquilo que disse ontem é verdade?

— Sim, por que eu mentiria pra você sobre isso?

— Não sei. Você disse que não era virgem então deduzi que você já tivesse tido um namorado.

— Você deve me achar que sou uma...

— Eu não acho nada, quer dizer, eu acho sim, que você é uma linda garota que eu tive a sorte de conhecer — ele disse e me deitou no chão, seu corpo em cima do meu. — Preciso te beijar.

Sorri e me levantei para alcançar sua boca, eu estava com sérios problemas, seus beijos eram viciantes. Eu só não podia pensar demais, em poucas horas ele iria embora e eu ficaria aqui, esse dia existiria somente na nossa memória.

— Queria poder levar você comigo — ele disse e eu fiquei nervosa, dessa vez era ele quem estava falando da viagem.

Queria que você pudesse me levar. Pensei.

— Não fale besteira, Gustavo — disse ao invés. — Você mal me conhece.

— Eu sei que nos conhecemos ontem, mas é como se tivesse sido desde criança. — Ele sentia a mesma coisa que eu, isso era demais para mim.

— Vamos almoçar onde? — perguntei para mudar o assunto, mas ele ainda está me olhando intensamente.

— Você não acredita em mim, não é?

— Essa não é a questão, Gustavo.

— Então qual é? — ele perguntou e se sentou novamente ao meu lado, me levantei, e olhei para ele, seus olhos não saiam dos meus, me sentia fraca.

Tentei desviar o olhar, mas ele puxou meu queixo para que eu olhasse novamente para ele.

— Eu... Eu... Não sei explicar.

— Tente — ele disse pegando minha mão e entrelaçando nossos dedos, isso estava dificultando minha concentração.

— Quando te vi a primeira vez fiquei encantada, mais que encantada, gostei de você logo de cara, não sei como, nunca tinha sentido aquilo na minha vida.

— Você gostou de mim?

— Gostei, quer dizer, agora gosto ainda mais, depois de ontem e do que estamos vivendo hoje.

— Gosto de você também, Nanda. Mais do que posso dizer. Nunca senti isso, você não é como as garotas que eu já estive.

— Obrigada, eu acho — sorri e ele se aproximou para me dar um beijo. — Vou sentir falta desse dia quando ele acabar — falei triste, não queria que esse dia acabasse nunca. Não queria que ele tivesse que ir embora em poucas horas, queria poder fazer algo sobre isso.

— Não quero que esse dia acabe, Nanda.

Senti uma lágrima escorrendo pelo meu rosto, Gustavo logo a limpou gentilmente.

— Desculpa — pedi tentando me afastar, estava envergonhada com a minha reação.

Ele me puxou para o seu colo e ficamos ali no meio do Jardim Botânico, os pássaros cantando e eu curtindo um momento de melancolia no colo do único homem que já despertou algo mais dentro de mim e que em breve iria para o outro lado do oceano viver uma vida repleta de festas, mulheres e dinheiro.

— Queria não ter que viajar amanhã, Nanda.

— Mas você tem que ir, Gustavo. É o seu trabalho. Nosso dia está sendo perfeito, não vamos estragar com sentimentos tristes.

— Você tem razão.

Me enrosquei em seu abraço e ele me apertou dando beijos suaves no meu ouvido, dizendo como eu era especial.

— Queria ter te conhecido um ano atrás, assim nós poderíamos ir para a Inglaterra juntos. — Isso estava ficando cada vez pior, como eu poderia controlar tudo que estava sentido naquele momento se a cada palavra que ele pronunciava tirava meu chão?

Depois do que pareceu uma eternidade eu consegui acalmar a avalanche de sentimentos que estava prestes a desmoronar dentro de mim, era um momento tão diferente de tudo que eu havia vivido até agora, estávamos ali apenas sentados, abraçados um ao outro como se não houvesse mais ninguém no mundo.

— Se você quiser podemos ir embora, você deve ter muito o que arrumar para a viagem — falei e ele negou com a cabeça.

— Quero ficar com você, Fernanda — ele disse meu nome completo pela primeira vez e eu não sei o que isso significa, ele quer ficar comigo hoje ou ficar comigo mesmo?

— Tudo bem — concordei mesmo sem saber ao certo o que ele realmente quis dizer.

Segurei seu rosto e nos beijamos, um beijo de carinho, cheio de sentimentos que eu não fazia ideia do que eram, mas tinha certeza que eram fortes e reais.

Saímos do Jardim Botânico pouco tempo depois, fomos almoçar em um shopping, foi incrível, ninguém nem ao menos percebeu a presença dele, se isso tivesse acontecido teria sido impossível ter um minuto de paz para comermos.

Quando estávamos saindo do shopping o celular dele começou a tocar, ele tirou do bolso e me mostrou quem era, meu irmão.

— Não diga que está comigo — falei para ele que atendeu o celular calmamente.

— Fala JP, e ai? Beleza? Sim, claro que estou — ele disse com a voz animada, mas vi que ele estava mentindo. — Estou na rua agora. É alguma coisa urgente? Ah sim, tudo certo. Nos falamos mais tarde.

Ele desligou o celular e se aproximou de mim sorrindo, acho que eu nunca iria esquecer esses sorrisos, mas eu não queria esquecê-los. Não conseguiria esquecer nenhum segundo desse dia.

— E agora?

— O que meu irmão queria? — Perguntei curiosa.

— Nada demais, quer me encontrar antes da viagem.

— Você deve encontrá-lo então, vou para casa agora.

— Não! — ele falou rapidamente. — Não, Nanda, irei encontrar com ele mais tarde. Vamos sair, acho que você me deve um tour pelo Cristo Redentor.

Meu sorriso é de pura satisfação, então ele me olhou, me abraçou fazendo meus pés saírem do chão, me girou e beijou silenciando um grito que estava por vir pelo susto com sua atitude inesperada.

— Você quer mesmo ir ao Cristo? — Falei ainda rindo daquilo tudo, muitas pessoas olharam para nós, éramos como um casal apaixonado.

— Ou talvez a gente possa voltar para o apartamento — ele disse com a voz cheia de desejo me abraçando pela cintura, colando meu corpo ao dele.

— Acho que gosto mais dessa ideia, inclusive você poderá se manter em sigilo, creio que mais uma demonstração como essa alguém vai acabar reconhecendo você, e amanhã seremos capa de revista.

— Sim, essa ideia provavelmente é a melhor de todos os tempos, mas eu também não me importaria de sair em uma revista com uma mulher tão linda ao meu lado. — Sua mão foi para o meu rosto acariciando brevemente, suspirei com seu toque.

— Vamos sair daqui. — Não me contenho nem mais um segundo.

Partimos em direção ao apartamento que passamos a noite, e Gustavo me fez perder a noção do tempo ali, seus toques, suas palavras. Mais uma vez transamos até a exaustão. Meu Deus, eu estava me saindo uma periguete de primeira categoria.

Estava deitada na cama, com a cabeça em seu ombro, uma perna por cima das suas e fazendo carinho em seu peito.

— Como é possível gostar tanto de uma pessoa que acabamos de conhecer? — ele perguntou depois de um bom tempo de silêncio.

— Talvez você não goste realmente.

— Impossível, gosto de você e te conheci ontem. — Fiquei lisonjeada com isso e sorri, virei minha cabeça e o beijei lentamente.

— Mas você nem sabe meus defeitos.

— Não me importo com eles. — Ri dele, ele era impossível de resistir.

— Já sei! — me sentei na cama puxando o lençol comigo para me cobrir. — Vamos jogar um jogo!

— Que tipo de jogo, Nanda?

— Eu acabei de inventar, ou talvez ele já exista, mas enfim, vamos fazer perguntas um para o outro, sobre qualquer coisa, assim podemos nos conhecer mais, nossas qualidades, nossos defeitos. O que acha — perguntei com um sorriso e uma piscada.

— Gostei disso, posso começar? — ele perguntou animado, sentamos em frente um do outro, puxei o lençol

tentando cobrir tudo que ele já tinha visto, ele apenas balança a cabeça sorrindo.

— Claro, pode começar!

— Qualquer pergunta, certo? — Concordei com a cabeça. — Tudo bem, minha primeira pergunta é, você iria comigo para a Inglaterra?

Não precisei pensar muito sobre isso.

— Sim — respondi confiante.

— Você deixaria sua vida aqui? — ele perguntou de novo.

— É a minha vez — falei, ele riu e pediu desculpas. — Quando você descobriu que gostava de jogar futebol?

— Desde criança, eu te disse, meu pai é militar, nos mudávamos muito e minha única companheira era a bola, então, uma coisa leva a outra e... — ele parou de falar quando percebeu iria mencionar sua viagem. — Minha vez, você deixar sua vida aqui para viver comigo?

Eu sabia que ele faria essa pergunta de novo.

— Eu não sei, Gustavo, tenho meu irmão, meus amigos, minha faculdade, ainda faltam três anos para eu me formar. Muita coisa pode acontecer nesse tempo.

— Você me esperaria? — ele perguntou novamente.

— Você *me* esperaria? — Faço a mesma pergunta para ele, eu não podia prometer o que eu não sabia se poderia cumprir.

— Sim. — Foi a única resposta dele. — Posso te beijar agora?

— Essa foi sua pergunta? — Ele concordou com a cabeça, eu me aproximei dele lhe dando um beijo.

— Obrigado.

— Com quantas mulheres você já esteve? — perguntei, mas me arrependi assim que fechei a boca, não sei se realmente quero saber isso.

— Algumas.

— Quantas?

— Você está gastando a sua pergunta assim?

— É o jogo — falei sorrindo docemente e pisquei para ele.

— Tudo bem, foram mais de dez, menos de vinte, pode ser assim?

— Mais de dez e menos de vinte? Estou sem palavras, isso era muito mais experiência do que eu.

— Com quantos homens você já esteve?

— Dois — falei timidamente.

— Eu e mais dois?

— Não! Você e mais um. — Droga, eu não deveria ter puxado esse assunto, mas continuo falando. — Mas posso dizer que essa é a primeira vez que faço sexo mais de uma vez com a mesma pessoa.

— Com quando anos você perdeu sua virgindade?

— É a minha vez de fazer a pergunta e eu quero saber a mesma coisa que você.

— Quinze. Você?

— Dezessete. Ela era sua namorada?

— Não, ele era o seu?

— Pode-se dizer que não, mas eu achava que sim e foi horrível, se você quer saber.

Ele sorriu e me puxou para mais um beijo. Ficamos por mais algumas horas brincando disso, falamos sobre tudo, menos sobre sua viagem, ele me contou em quantas casas ele morou no decorrer dos anos, como era a relação com a família, descobri quais músicas ele gostava de ouvir. Uma em especial chamou minha atenção, *Setevidas* da *Pitty*, eu amava essa cantora, tínhamos um ponto em comum.

— Quero te levar a um lugar antes de ir pro aeroporto. Vamos? — Já passava das seis, ele tinha que estar lá dez horas, concordei, tomamos um banho rápido e saímos novamente.

— Para onde vamos?

— Ver o pôr do sol.

O taxista parou no Arpoador, saímos do carro ele pegou minha mão e fomos andando até achar um local para sentar. Assim que encontramos, Gustavo estendeu uma toalha na pedra, ele se sentou e me puxou para ficar entre suas pernas.

Não demorou muito e o espetáculo da natureza aconteceu em nossa frente, eu podia assistir o pôr do sol mil vezes e sempre me emocionaria.

— Eu prometo que volto pra você, Nanda — Gustavo falou no meu ouvido e senti minha garganta fechar.

Suspirei, tentei me soltar de seu abraço, mas ele me apertou, não me deixou sair dali, queria poder acreditar nele, mas era realmente difícil.

— Não me faça promessas que não pode cumprir — falei sem olhar para ele, minha voz era apenas um sussurro. Eu

não tinha estrutura psicológica para olhá-lo naquele momento, tentei manter meu foco no horizonte.

— Estou falando a verdade. — Ele puxou meu rosto para que pudesse me ver, forcei um sorriso já sentindo as lágrimas se acumulando, eu não iria chorar. — Nunca senti isso, Nanda, nunca, quero ficar com você. Esse está sendo o melhor dia de toda minha vida e eu não quero que acabe porque sei que quando acabar eu vou estar há um oceano de distância de você e eu definitivamente não quero isso.

— Não quero que acabe também, mas isso vai ser inevitável. — Fiquei impressionada com a minha maturidade para lidar com a situação, mesmo estando desmoronando por dentro.

Ele nega com a cabeça.

— Não quero ter apenas um dia, Nanda, não com você — ele falou e ficou difícil para eu argumentar contra isso.

— Por favor, vamos apenas aproveitar esses últimos momentos que temos juntos. — Minha voz já estava embargada, sabia que qualquer coisa que ele fosse falar ou fazer eu iria começar a chorar.

— Eu me apaixonei por você, Fernanda.

Tudo bem, isso não era o que eu esperava ouvir, nem em um milhão de anos, ainda mais vindo dele. Me virei para olhá-lo direito.

— Não fale besteira.

— Por favor, acredite em mim. — Seus lábios colaram aos meus levemente e eu senti as lágrimas escorrendo, droga, isso não era para estar acontecendo.

— Não quero que você vá embora, Gustavo — falei com a voz embargada, eu não deveria falar isso para ele, mas foi impossível guardar isso para mim.

— Acho que as melhores coisas acontecem para mim sempre no momento errado.

Não entendi o que ele quis dizer, mas eu sentia o mesmo, era como se eu tivesse acabado de ganhar algo inestimável, porém ele vinha com prazo de validade. Ele me abraçou e ficamos ali no meio de algumas pessoas que também foram assistir ao pôr do sol.

— Vamos voltar, você tem que se arrumar, e precisamos comer algo antes da viagem — eu disse, nos levantamos e saímos, passamos em um mercado, compramos algumas coisas para eu preparar um jantar e voltamos para o apartamento.

— Preciso terminar de arrumar algumas coisas e ligar pro seu irmão, ele deve estar preocupado com você, não?

— Falei com a Rafa hoje de manhã, ela está me dando cobertura.

— Tudo bem, se precisar de mim é só me chamar, quer dizer, eu não sei nem ligar um fogão, mas qualquer outra coisa que eu puder ajudar estou a disposição.

— Obrigada. — Lhe dei um beijo e ele entrou no quarto e pouco tempo depois escutei ele falando ao telefone.

Voltei minha atenção para a cozinha, comecei a vasculhar a geladeira em busca de algo que eu possa fazer, pego o leite, o queijo e o presunto. Compramos alguns ingredientes, eu já sabia o que faria para o jantar. Macarrão com molho branco.

Capricho na quantidade, eu já estava acostumada em cozinhar muita comida em casa, noventa por cento da comida sempre ia para João Pedro e os outros 10 fica para mim. E julgando pelo tamanho de Gustavo, ele deveria comer ainda mais que meu irmão.

Quando já estava quase tudo pronto ele apareceu de volta na sala, cabelos molhados, a toalha em seu pescoço e uma boxer vermelha. Meu queixo poderia ter caído um pouco com aquela visão, o cara conseguia ser lindo de qualquer maneira.

— O cheiro está divino — ele sorriu e se sentou à mesa que coloquei para nós, comecei a servir e depois sentei ao seu lado, propus um brinde.

— Ao nosso dia! — disse com tentando não pensar que o dia está acabando, ele apenas encostou seu copo no meu e me deu um meio sorriso. — Espero que goste. — Minha voz saiu totalmente sem animação, ele parou um pouco, como se estivesse pensando no que dizer.

— Nunca comi algo tão bom, Nanda. — Seu sorriso estava novamente no lugar, pena que naquele momento o meu já tinha ido embora.

— Obrigada.

Terminamos de comer, Gustavo me ajudou a lavar a louça, na verdade começamos a bagunçar tudo, jogando água um no outro, rindo, nos abraçamos e beijamos.

— Você está sujo aqui. — Limpei seu nariz que estava com espuma de sabão.

— E você está suja aqui — ele disse e me beijou intensamente, esse sem dúvida foi o nosso beijo mais intenso e possivelmente seria um dos últimos.

— Acho que preciso ir agora.

— Não! — ele disse e me abraçando mais forte. — Você não vai comigo para o aeroporto?

— Você quer que eu vá, seus pais não vão estar lá?

— Não vou responder essa pergunta, Nanda. Liguei para o seu irmão, ele virá aqui, ele quer me dar os últimos conselhos, e meus pais só vão na semana que vem, já nos despedimos.

— Ele não pode me ver aqui, vamos fazer assim, eu vou para casa, troco essa roupa e vou para o aeroporto, te encontro lá às dez. Pode ser? — Ele concordou, me despedi dele e fui praticamente correndo para casa. Por sorte o trânsito estava bom e não demorei muito.

— Oi mano, tudo bem? — disse assim que cheguei em casa e vi João Pedro comendo na cozinha.

— Hey, sumida, onde estava seu celular?

— Desculpa, a bateria morreu!

— Sim, eu sei, liguei pra Rafaela, ela me disse que vocês tinham ido à praia e que você estava descansando na hora que liguei, como foi seu dia?

Como eu poderia responder a isso? Ótimo não chega nem perto do que ele foi.

— Foi perfeito, agora tenho que ir, vou tomar banho.

— Tudo bem, vou passar na casa do Gustavo, daqui a pouco é o voo dele, você quer ir comigo?

— Eu não, por quê?

— Não sei, você gostou tanto dele, pensei em apresentar vocês.

Ah sim, claro.

— Não, obrigada. Preciso tomar banho e trocar essa roupa, depois vou sair com o pessoal da faculdade, você irá levá-lo no aeroporto?

— Não, tenho um compromisso. — Ele sorriu e me deu uma piscadela, eu ri dele, ele sempre fazia isso quando estava falando de uma mulher.

— Tome cuidado, sou muito nova para ser titia, te amo.

Assim que entrei no meu quarto, desabei na cama, me sentia exausta, física e emocionalmente, coloquei meu celular para carregar e corri para o banheiro, não aguentava mais usar essa roupa.

Depois de tomar um banho relaxante e refrescante, troquei de roupa, chequei meu celular e não fiquei nenhum pouco surpresa com o número de ligações perdidas e mensagens não lidas.

Rafaela foi a recordista de mensagens, com trinta e seis. Meu irmão o campeão em ligações perdidas, foram onze chamadas não atendidas. Liguei para Rafa e contei para ela o que tinha acontecido no meu dia, não quem era o garoto com quem eu estava, mas ela me pentelhou e acabei falando, meu ouvido ficou entupido por um tempo depois do grito que ela deu.

Fiquei em casa fazendo hora até chegar o horário para sair novamente e encontrá-lo, eu não estava aguentando de

ansiedade, saí de casa e fui para o aeroporto, mesmo faltando quarenta minutos para às dez horas. Ele chegou pouco tempo depois e praticamente corri para abraçá-lo, eu não tinha ficado nem duas horas longe dele e já sentia sua falta, eu estava perdida.

— Vou fazer o *check-in* e podemos ficar tranquilos, tudo bem? — Concordei e ele não soltou minha mão, andamos até o balcão da companhia aérea. Vi que havia algumas pessoas nos observando, eram os fãs dele. Não demorou e ele estava dando autógrafos.

Depois de atender a todos pacientemente ele me puxou para sentar perto da sala de embarque e ficamos ali, minhas pernas por cima das dele, nossas mãos não perderam contato em nenhum momento. Conversamos, falamos sobre a minha faculdade, minha amizade com a Rafa, ele me beijou e me abraçou e tudo que tínhamos direito.

Quando seu voo foi chamado eu não quis acreditar que aquilo estava realmente acontecendo, ele estava indo embora, nos levantamos e fomos para a porta da sala de embarque, eu não queria soltá-lo e ter que perder o que vivemos.

Passei os braços pelo seu pescoço e o abracei o mais forte possível. Tentando absorver tudo dele naquele abraço, seu cheiro, seu toque.

— Eu vou voltar pra você, Nanda — ele disse, sentia que ia desabar a qualquer momento, me sentia uma idiota, quem se apaixona por uma pessoa em um dia?

Ficamos ali imersos naquele sentimento por não sei quanto tempo, apenas abraçados e falando palavras de carinho, amor e fazendo promessas um ao outro.

— Nunca vai ter mais ninguém para mim, só você — ele disse e me fez olhá-lo nos olhos. — Eu prometo que vou voltar pra você.

Abaixei meu olhar para o chão, olhei para meus pés, tentei me afastar, mas era como se um imã me puxasse para ele. O sistema de som avisou que o voo dele estava na última chamada.

Eu não tinha forças para deixá-lo ir, ele precisa fazer isso.

— Você precisa ir — sussurrei.

Ele me puxou novamente para perto dele, colou sua testa a minha, eu simplesmente não conseguia olhá-lo nos olhos. As lágrimas estavam escorrendo em nossos rostos, foi inevitável, e vê-las em seu rosto também destruiu paredes dentro de mim que eu nunca soube que existiam.

— Espere por mim — ele pediu e eu apenas concordei com a cabeça. — Eu não faço promessas que não vou cumprir, nunca, mantenha isso em mente.

Então ele me beijou uma última vez e foi embora.

Não consigo tirar meus olhos daquela bendita foto.

Todos os momentos que vivemos juntos naquele dia me vieram à memória. Quando ele foi embora cinco anos atrás, pensei que nossa história seria diferente, ele nunca ligou, nunca mandou nenhuma mensagem, eu sabia que seus perfis

em redes sociais eram administrados por uma agencia, mas as fotos que saiam na mídia quebravam cada vez mais o meu coração.

Tentei me segurar em suas últimas palavras, foquei em minha faculdade, esperança encheu meu peito no dia da minha formatura, como se ele magicamente fosse aparecer, mas isso não aconteceu e no dia seguinte vi as notícias na imprensa, o brilhante jogador Gustavo havia renovado seu contrato, acho que um tapa na cara teria doido muito menos.

João Pedro a cada dia estava mais envolvido com seu trabalho, ele cresceu, não só como olheiro, virou empresário de grandes jogadores, sua fama de disciplinado se estendia aos seus jogadores. Assim suas viagens para fora do país ficaram cada vez mais constantes, o que eventualmente acarretou em mais uma mudança, dessa vez Rafa e eu estávamos morando juntas em um belo apartamento que ganhei do meu irmão.

E eu segui minha vida, mas como dizem, o primeiro amor é realmente difícil de superar, foi só depois de ver a notícia sobre a renovação do seu contrato que me abri novamente para um relacionamento, me mantive o mais distante possível do trabalho do meu irmão, eu não me interessava mais. Saí com alguns carinhas da faculdade, mas nunca senti nada como o que senti com Gustavo, ele foi meu primeiro amor e eu o amei de uma maneira que nunca poderia amar alguém.

Me lembro de ter ficado por mais de meia hora sentada no aeroporto chorando sua partida, meu coração estava em

frangalhos, senti como se parte de mim tivesse sido arrancada. Quando cheguei em casa naquela noite fui direto para minha cama e chorei por horas e horas, eu não tinha nada dele para ficar comigo, só a minha memória do nosso único dia juntos e como eu o amei naquele dia.

Estou tão focada no jornal à minha frente que não vejo quando alguém se aproxima.

— Oi, amor — ele diz e me dá um beijo na boca. — O que houve? Você tá pálida, parece que viu fantasma. — Ele nem imagina, Lucas é meu namorado, estamos juntos há nove meses, o conheci em uma ONG que faço trabalho voluntário com crianças.

— Está tudo bem, meu amor, só estou vendo as notícias. Vamos?

Há um mês fui pedida em casamento, hoje teríamos uma reunião com a cerimonialista que meu irmão insiste em contratar para que eu não tenha nenhuma preocupação.

Gustavo seguiu em frente com aquilo que mais gostava, e eu estava me permitindo viver, já havia cansado de esperar por uma promessa.

Lucas paga minha conta, coloco o jornal com a foto de Gustavo em cima da mesa, deixando com ele uma parte do meu coração. E então vou embora sem olhar para trás.

Não perca a continuação desse conto no livro Única Para Mim, em breve, na Amazon.

Entre no site www.sophiagpaiva.com.br
e conheça os outros livros da autora:
Série Recomeço
Livro 1. Outra Vez
Livro 2. Outro Olhar
Livro 3. Outra Chance
Amor Real